

Reflexões sobre mapeamento e escutas nos múltiplos universos da recepção televisiva

Carmem Rejane Antunes Pereira

Doutoranda em Ciências da Comunicação

carmemrs@uol.com.br

UNISINOS, RS

Resumo

O artigo traz reflexões sobre a pesquisa que aborda o processo comunicacional, relacionando o programa Globo Rural a experiências de telespectadoras que participam do espaço de saúde organizado pelo Movimento de Mulheres Camponesas, considerando este território como mediação relevante na investigação que procurou compreender a televisão, os seus produtos e os modos de se fazer dos públicos. A recepção envolveu telespectadoras situadas no Assentamento Nova Ramada e na Localidade de Santa Teresinha, comunidades rurais de Júlio de Castilhos, município da região Centro do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Mulheres rurais, recepção, mediações.

Os apontamentos deste artigo são frutos da minha dissertação de mestrado que teve como foco o programa Globo Rural nas apropriações de mulheres camponesas da Região Centro do Rio Grande do Sul¹. No espaço deste texto procuro abordar alguns aspectos problematizados no percurso que tratou das relações simbólicas entre produto e recepção, abordando as construções televisivas instrucionais² configuradas no programa e a produção de sentido gerada por telespectadoras que participam do espaço de saúde organizado pelo Movimento de Mulheres Camponesas.

Na investigação dos processos comunicacionais leva-se em conta os fenômenos de mediação da sociedade contemporânea, na qual se conforma uma cultura midiática, por onde os meios de comunicação estão inseridos nas práticas sociais de informar, entreter, conhecer, reconhecer... e até de aprender. Essas práticas, que também podem ser compreendidas na textura geral da experiência (SILVERSTONE, 2002, p.13), entretanto, não se realizam de maneira homogênea, em razão de diferentes mediações que estruturam a vivência do sujeito nas suas interações com os meios de comunicação ou das diferentes formas em que se

¹ TV e MULHER RURAL – *O programa Globo Rural nas apropriações e produção de sentido geradas por telespectadoras do Assentamento Nova Ramada e Localidade de Santa Teresinha* - Unisinos –2004.

² Este termo se refere às inúmeras construções discursivas, que podem ser observadas em diferentes formatos televisivos, abordando temáticas como medicina, culinária, e práticas agropecuárias, por exemplo. São construções pontuadas por marcas de um discurso pedagógico, que assume por vezes a linguagem do *como fazer*, especialmente nos casos dos noticiosos agropecuários. Essa questão também é tratada em Nascimento (1999).

constituem os públicos, já que, como afirma Mata, “as práticas sociais não se mediatizam de maneira homogênea, dados os desiguais, – e profundamente desiguais – universos materiais em que elas se desenvolvem” (MATA, 1999, p.88).

Dessa forma, para pensar nos usos que as pessoas fazem das mídias, é preciso levar em conta lugares, acessos, rotinas, cenários, mas também memórias e modos de compreensão como elementos de geração dos sentidos nas diferentes formas de se fazer dos públicos enquanto instância concreta vinculada aos processos de produção, circulação e consumo dos discursos.

Assim, estudar a recepção televisiva no âmbito da experiência de mulheres camponesas implicou tratar da dimensão construtiva dos públicos, promovendo uma relação teórico-metodológica com as formulações da pesquisa de recepção, partindo das contribuições pioneiras de Martín-Barbero ao considerar as mediações como estruturantes da produção de sentido. Nessa trilha conceitual, a comunicação é pensada a partir da cultura e esta como campo de hegemonia, por onde o sujeito receptor adquire relevância na medida em que o sentido é buscado nas práticas cotidianas que tecem a dominação, o trabalho, a produção, mas também falam de uma atividade específica, da arte do fraco, (MICHEL DE CERTEAU, 2001), permitindo pensar o consumo como território de estratégias e táticas por onde a vivência do popular é entendida pelos diferentes modos de apropriação cultural, dos diferentes usos da comunicação.

Já as reflexões de Garcia-Canclini, a partir da experiência latino-americana, apontam a cultura popular como híbrida, construindo um conceito relacional não fixado pela unidade ou pelo folclore, superando, assim, a dicotomia entre tradição e modernidade, rural e urbana (GARCÍA-CANCLINI, 1998). A cultura, desse modo, não está definida pelos objetos, mas pelo que as pessoas e os grupos fazem com os objetos, pela corporeidade, pelos imaginários, gestos, sonoridades e imagens que encenam o popular, o que pressupõe, nos processos de comunicação, uma relação não apenas de reprodução, mas de co-participação.

Mapeamento do consumo midiático

O delineamento da investigação se constrói na observação de falas de movimentos de mulheres camponesas nas suas relações com o campo da mídia, especialmente no que diz respeito a produtos e/ou programas que guardam especificidade pelas temáticas e publicidade predominantemente voltadas ao campo. Ao mesmo tempo em que se detectam marcas de produção de um discurso feminino que, ao divulgar a palavra de organização amplia as noções de cidadania, percebe-se que a mulher rural também é construída em programas jornalísticos, os quais se configuram a partir de estratégias diferenciadas de emissoras de televisão³, porém, com semelhanças no que se refere à mescla de gêneros, especialmente o informativo e o instrucional⁴.

Para compreender essas estratégias, é preciso considerar a presença da TV nos diferentes recantos do Brasil⁵; presença essa que, no âmbito do espaço rural, está vinculada à expansão do mercado de bens

³ Nesse aspecto são exemplares o *Globo Rural*, da Rede Globo, e o *Rio Grande Rural*, da TVE/RS, dois programas que fizeram parte do percurso de observação da pesquisa. Há ainda outros, que constituem o que entendo como uma espécie de subcampo midiático. Entre as características gerais desse subcampo encontram-se temáticas voltadas ao agronegócio e a presença de fontes regulares como especialistas e agricultores/produtores/pecuaristas.

⁴ Gênero, nesse contexto, se refere a estratégias de comunicabilidade tal como entende Jesús Martín-Barbero, *Dos meios às mediações*, (2003, pp. 307-310), mas é pensado a partir da prática discursiva jornalística.

⁵ Dados sobre a presença e expansão da televisão no Brasil, nessa época, estão em Sergio Caparelli (1982) e Renato Ortiz (1994).

culturais e à ampliação da modernização da agricultura a partir da década de 70 do século XX⁶. Nesse processo, a TV, amplia a esfera de públicos consumidores de informações, assim como, na sua produção, altera estratégias de comunicabilidade frente a diferentes demandas econômicas, culturais e políticas.

Nesse sentido, o rural é tomado como uma forma cultural apropriada pelas indústrias culturais, colocado em cena como o popular massivo, (MARTÍN-BARBERO, 2003), sem que, entretanto, se saiba, de antemão, como se realiza o consumo. E isso, em parte, porque o rural, na sua diversidade, é construtor de um ethos que, ao mesmo tempo em que é tensionado por sistemas técnicos informacionais (SANTOS, 1997, p.190), guarda uma reserva cultural, matricial, que configura táticas de sobrevivência e identidades camponesas, as quais também são mediadas pela expansão de organizações feministas⁷. Desse modo, a trama mulher, mídia, rural é desencadeada a partir da vivência de telespectadoras que, de alguma forma, está sendo mediada pelas organizações de mulheres camponesas como o espaço de saúde, território de educação informal que abrange agroecologia, hábitos alimentares e ervas medicinais⁸.

O consumo midiático é mapeado a partir das pistas de uma relação entre acessos, preferências, temáticas e significações de diferentes construções televisivas do rural num determinado universo da recepção. Depois de dois roteiros exploratórios junto a um assentamento e uma feira ecológica na região, a problemática é recolocada junto ao número maior de mulheres, procurando detectar acessos e preferências por programas, entre eles os que produzem o rural noticioso. Este roteiro foi realizado durante encontro do Dia Internacional da Mulher, promovido pelo ainda MMTR/RS (Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais-RS)⁹, no município e Nova Palma, em 2003.

A partir desse momento, o programa Globo Rural torna-se um objeto de observação sistemática que o situa como rural televisivo informativo. Como programa jornalístico, trabalha o gênero informativo por excelência, mesclando, porém, outros gêneros, como o entretenimento e, principalmente, neste caso, o instrucional, o qual pode ser compreendido a partir de uma prática discursiva gerada pela modernização da agricultura, cuja preocupação é promover a adoção de novas tecnologias ou de promover mudanças¹⁰.

Essa hibridação é entendida a partir da noção de gêneros comunicacionais, os quais compõem as ofertas midiáticas, funcionando como estratégias de comunicabilidade e constituindo, segundo o autor, em uma mediação fundamental entre as lógicas do consumo, dos formatos e a dos modos de ler, dos usos, entre produção e reconhecimento (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.311).

Nessa perspectiva, as construções televisivas instrucionais ofertadas pelo programa são analisadas como campo de efeitos de sentido, (ELISEO VERÓN, 1997), pela qual se coloca a problemática do ideológico e do poder como mecanismos de base do funcionamento da sociedade. Ou seja, é pelo fato da existência de circulação dos discursos que se pode tocar a história social dos textos, pois há uma distinção entre o tempo da produção de um discurso e o tempo do seu consumo, de maneira que o ideológico investe qualquer

⁶ Sobre a modernização da agricultura vinculada a estratégias comunicacionais mundiais ver Armand Mattelart, *Comunicação Mundo: história das idéias e das estratégias*, (1996).

⁷ Essa expressão é utilizada abrangendo ONGS e movimentos populares, a partir de redes comunicacionais na interação com culturas locais. No contexto de trabalhadoras rurais ver Alie Van Der Schaaf (2001) e também Millie Thayer. (2001).

⁸ O *espaço de saúde* é um ambiente de organização e de formação do Movimento de Mulheres Camponesas. De acordo com suas lideranças o movimento busca a inserção das mulheres para além da política de cotas, já que esta não rompe com a situação de desigualdade anterior à formalização nos setores de organização das camponesas.

⁹ Em meados de março de 2004, o movimento passa a denominar-se *Movimento das Mulheres das Camponesas*.

¹⁰ Marta Rocha Nascimento trabalha essa questão denominando-a como linguagem do "como fazer". *Globo Rural e cotidiano em Sapucaia: estudo de recepção do programa Globo Rural pelos pequenos produtores rurais de Sapucaia/PE* Dissertação de mestrado (1999, p.196)

material significante, enquanto o poder só é designado no interior de um tecido determinado de relações sociais.

Identificação das mediações na diversidade do rural

O contato com possíveis participantes da pesquisa no Dia Internacional da Mulher também é um momento que desencadeia a identificação de mediações como as diferentes trajetórias de acesso à terra e à experiência pedagógica das mulheres que participam do espaço de saúde organizado pelo movimento de mulheres. A trajetória de acesso à terra se delinea como mediação relevante na medida em que a entrada em campo aponta maior diversidade da recepção com a inclusão de telespectadoras que pertencem ao Assentamento Nova Ramada, comunidade gerada no processo de reforma agrária do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

Essa referência é importante para refletir sobre os momentos de reformulações que estão presentes neste tipo de investigação que procura envolver os lugares como territórios de significação, os quais são construídos e também constroem os sujeitos, portanto, estão implicados na experiência receptiva das mulheres. Num primeiro momento, pensei em delimitar a recepção a partir da diferenciação entre duas localidades/comunidades rurais de forma a manter a contextualização pelo perfil das propriedades. Entretanto, no decorrer do processo de seleção, levei em conta outras caracterizações que se referem às práticas das próprias mulheres, como as atividades de formação geradas com o espaço de saúde, o qual é realizado tanto em Santa Teresinha como no Assentamento Nova Ramada, ambos em Júlio de Castilhos.

Dessa forma, a pesquisa buscou maior diversidade justamente com a inclusão de mulheres assentadas, pois é uma investigação que não procurou desenvolver estudo de comunidades e sim da subjetividade construída em cenários múltiplos, ainda que conformada pela mediação social camponesa. A diferenciação entre assentamento e pequenas propriedades, portanto, situa as telespectadoras pela classe social, nas suas experiências de gênero e possibilita que a dimensão da recepção seja traçada a partir do contexto midiático de mulheres que vivem nesses espaços, que têm uma relação diferenciada no acesso à terra e que já possuem algum grau de relações com o espaço de saúde do movimento.

Nessa perspectiva, a experiência de gênero abrange a temporalidade social, definindo um *habitus* midiático¹¹, pelo qual se busca compreender a presença da TV e, nesta, os sentidos produzidos na interação com o Globo Rural. Para isso, a pesquisa encontrou as telespectadoras, situando acessos, cenários e rotinas com o rural televisivo, relacionando a experiência receptiva das mulheres no âmbito popular e procurando entender o programa no tempo dominical das mulheres e como ele atua sobre modelos de compreensão do rural, em suas múltiplas determinações.

Esse caminho procurou se aliar aos estudos de gênero que não se resumem às diferenças dicotômicas entre mulher e homem, pois os lugares em que os sujeitos estão inseridos, suas condições sociais, econômicas e culturais são elementos que compõem suas visões de mundo. Dessa forma, a relação mulher rural e rural televisivo, a partir da articulação de mediações de partida como classe e gênero, propicia uma reflexão menos hipostasiada dos lugares construtores e construídos pelas mulheres, porém, para, além disso, incita o olhar da pesquisadora para as lacunas e dificuldades dessas relações em problemáticas que envolvem a

¹¹ O *habitus* é buscado a partir de Pierre Bourdieu, *Esboço de uma teoria da prática* (1983), para identificar práticas e situações do consumo como marcas de uma experiência de classe, ativados por competências culturais e onde se manifestam percepções, valores e formas de compreensão dos sujeitos.

recepção midiática, especialmente ao pensar a incorporação de categorias relacionais como gênero, classe, entre outras, no universo da pesquisa.

Parte dessas dificuldades é abordada por Escosteguy¹² ao pensar a trajetória das pesquisas em recepção no Brasil, a partir do que ela chama tratamento das relações de gênero, associando o tema às particularidades referentes às mulheres. A autora faz uma revisão dos estudos de recepção na Brasil, realizados durante a década de 90, período em que a categoria gênero, ainda que estivesse associada a papéis sociais, foi utilizada para indicar apenas uma distinção sexual entre feminino e masculino. A singularidade da pesquisa observada até aquele momento se deve a modelos metodológicos que justapõem categorias como classe social, gênero, não se observando nenhum destaque para a categoria gênero (ESCOSTEGUY, 2005, p.143).

De uma outra perspectiva, o problema da não-essencialização do gênero está presente nas reflexões de KOFES e PISCITELLI¹³ a respeito das relações de um leque da diversidade da memória de sujeitos que, de antemão, são pensados como homens e mulheres. De acordo com as autoras, algumas possibilidades podem ser abertas explorando-se como as diversas configurações do gênero marcam as memórias e narrativas ao buscar na noção de experiência uma relação histórica/social/cultural. Dessa forma, poderia se pensar os labirintos da recepção como cartografia de telespectadoras concretas e também como espaços e momentos de acionamento de memórias configuradas pelas múltiplas trajetórias e matrizes de processos identitários de gênero.

As telespectadoras e a escuta de seus territórios

Cinco mulheres participaram da pesquisa. Para chegar ao seu entorno foi preciso reaquecer contatos, escutar contextos, promovendo reflexões sobre a recepção como um espaço desafiador que coloca pesquisadores e pesquisadoras frente a frente com sujeitos, vivenciando uma etapa da produção do conhecimento. Tarefa compreendida na medida em que se toma o campo não somente como território geográfico, mas como momento de interlocução com indivíduos que pensam e agem nesses lugares¹⁴.

Embora a opção inicial tenha sido por três mulheres para cada comunidade, a pesquisa foi realizada com cinco telespectadoras, pois algumas delas alegaram pouca memória. A justificativa muitas vezes recaiu no acúmulo de tarefas, especialmente quando as lavouras que interagem com o mercado globalizado exigem a participação de toda a família. Entretanto, também se enfrentou a desistência de pesquisadas, o que levou a refletir sobre os avanços e as dificuldades que as mulheres, em determinados contextos, encontram para expressar a sua palavra. Em nenhum momento pareceu adequado manter uma entrevistada em Santa Teresinha e três em Nova Ramada, não pelo aspecto de representatividade populacional, mas pelo fato de seguir o critério do vínculo das mulheres com o espaço de saúde. Por isso, o procedimento de seleção levou em conta a disponibilidade e valorização de uma outra pesquisada.

O contato e a dialogicidade¹⁵, portanto, são princípios a considerar no uso dos instrumentos de pesquisa, que, neste caso, são selecionados a partir de experiências de pesquisas de recepção¹⁶ e também de outros

¹² Ana Carolina Escosteguy: *As relações de gênero nos estudos de recepção: notas sobre metodologias de pesquisa e suas repercussões teóricas* in Comunicação e cultura das minorias Paulus, 2005.

¹³ Suely Kofes & Adriana Piscitelli, – *Memória de "histórias femininas", memórias e experiências* (1997)

¹⁴ A noção de lugar como território da ação, do sujeito e da temporalidade social é buscada em Milton Santos (1997).

¹⁵ Utilizo esses termos mesclando propostas de aproximação e sensibilidade necessárias a uma pesquisa de recepção que prioriza o encontro entre sujeitos, conforme sugere apontamentos de Efendy Maldonado,

campos científicos, mas adaptados à necessidade e à ambiência da problemática que procura compreender como as mulheres vêem e se vêem na mídia; e o que esse olhar exprime em relação a um presente que vive do passado e ao fazer isso olha para o futuro. Por isso, também dialoguei com Bosi¹⁷ procurando realizar uma escuta que pusesse em memória uma experiência específica, que registrasse a temporalidade das mulheres também na sua própria narrativa.

Para essas tarefas de pesquisa foram formuladas entrevistas conjugadas à observação, procedimentos realizados entre 31 de outubro e três de dezembro de 2003. As entrevistas seguiram as necessidades e a dinâmica de uma análise qualitativa, por isso foram utilizadas técnicas semi-estruturadas que permitissem o aprofundamento de temáticas envolvendo aspectos da mídia televisiva e da historicidade das mulheres. Envolveram questões-chave sobre as maneiras como as telespectadoras usam a televisão, as relações do seu espaço-tempo, aspectos da sua história midiática e percepções sobre o rural televisivo.

As entrevistas, em profundidade, foram realizadas em cenários diferenciados, desde o salão da comunidade em Santa Teresinha, na cozinha da casa, nas áreas/varandas, nas salas, no quarto em que a pesquisadora pernoitava, bem como na sala de aula, fora do horário escolar. Algumas foram feitas de manhã, animadas pelo chimarrão e por algum docinho caseiro; outras se seguiram ao almoço na casa da entrevistada; e outras antes de dormir. Todos esses horários diferenciados seguiram as possibilidades de conversação adequadas aos tempos disponíveis das mulheres.

Um outro tipo de procedimento realizado foi a VídeoConversa que consistiu em realizar uma escuta/observação a partir da interação de cada telespectadora com fragmentos materiais do programa. É um procedimento que se inspira nas experiências de pesquisadores do Processocom¹⁸ sendo adaptada às necessidades e às condições desta investigação, com o objetivo de registrar apropriações do programa a partir das construções de significação no ambiente da recepção direta, observando falas, gestos e sonoridades resultantes da interação com a oferta audiovisual do programa.

A seleção das seqüências totalizou 40' e foi realizada a partir das cinco edições que compõem a amostra do programa Globo Rural nesta pesquisa. A duração e a seleção do material empírico tiveram como objetivo pontuar aspectos das estratégias discursivas a partir do tempo da oferta noticiosa veiculada pelo programa. As peças publicitárias não foram destacadas nesse procedimento embora sirvam como contextualização analítica do cenário televisivo¹⁹. As seqüências se constituem em elementos configuradores do rural televisivo, tais como a abertura e as manchetes, os apresentadores, quadro de cartas, notícias da semana e reportagens especiais²⁰.

Durante esses encontros, observam-se processos de negociação de sentido - pactos, ambivalências, contradições, disputas e recusas - com o rural midiático, a partir da fala espontânea ou da fala estimulada por questões geradoras que tratam da configuração da mulher rural. Temas, cenários, atores e hierarquias

Explorar a recepção sem dogmas, em multiperspectiva e com sistematicidade (2001), juntamente com as inspirações em Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* (1987) a respeito da *dialogicidade* como processo de aprendizagem mútua.

¹⁶ Entre outras pesquisas me refiro aqui a Graziela Bianchi (2003) e Denise T. da Silva, (2002).

¹⁷ Suely Kofes & Adriana Piscitelli, - *Memória de "histórias femininas", memórias e experiências* (1997) e Ecléa Bosi - *Cultura de massas e cultura popular. Leituras de operárias* (1998).

¹⁸ A *Vídeoconversa* vem sendo aprofundada e sistematizada em pesquisas envolvendo estruturas televisuais da e na América Latina Midiatizada. Referências em Efendy Maldonado, *Transnacionais da Televisão na América Latina* (2001). Outros apontamentos também se encontram na obra *Vivendo com a Telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade* (2002)

¹⁹ A exclusão da publicidade se deve à diferenciação entre transmissão local e nacional, no âmbito da recepção.

²⁰ Para este procedimento foi programada a utilização de vídeo e televisão própria, idéia substituída pela possibilidade oferecida pelas escolas das duas comunidades.

de falas/imagem são considerados pontes geradoras de uma rede que fabrica a notícia como informação, aprendizagem, conhecimento e memória, constituindo-se em questões dialogais com as entrevistas anteriores e servindo para situar perspectivas sobre o programa e também sobre a mídia televisiva.

A primeira etapa da Vídeoconversa iniciou no dia 19 de novembro. Entre exibição das seqüências do programa, observação, conversação e gravação, foram utilizadas aproximadamente quatro horas e meia com cada uma das telespectadoras. O trajeto traçado no esquema de seleção e seqüências foi adequado aos traços receptivos da entrevistada. Ou seja, procurei alternar seqüências mais rápidas das notícias de características telegráficas, como as que constituem o quadro "notícias da semana" com reportagens especiais em que o ritmo da narrativa se torna mais lento e alongado.

O percurso da Vídeoconversa com cada uma das entrevistadas apresentou ritmos diferenciados, pois a disponibilidade das mulheres também determinou a duração dos encontros. Com duas delas o procedimento foi realizado no mesmo dia, com pausas diferenciadas entre a conversação/observação. Os dois últimos encontros foram realizados na casa de uma das entrevistadas do assentamento utilizando equipamento de vídeo próprio, de forma a atender as necessidades das mulheres diante dos seus afazeres com a produção de leite e cuidados familiares.

A Vídeoconversa se processa assim como escuta e observação. Além disso, pode ser encontro para confidências sobre modos de se ver e modos de ver o outro, de ver e situar os espaços cotidianos como territórios de construção, interlocução, decisão e afetividade. Nos olhares e nas leituras buscados nessa etapa do percurso, encontram-se fragmentos de um processo mais amplo que aciona impressões, sentimentos e percepções a partir de rotinas de trabalho diferenciadas e de rotinas diferenciadas com as mídias.

Os sentidos dos aprenderes nas interações com o programa

A rotina estabelecida pela casa e a roça faz com que as mulheres criem espaços de interação diferenciados com a mídia. A TV pode ser uma forma de conhecer o mundo, embora este mundo esteja distante das significações atribuídas ao conhecimento que rege as imagens do rural. Reconhecidas por uma agenda domingueira, imagens e falas do programa adentram num cenário em que são valorizadas como notícia de uma existência material distante e diferenciadas da cidade. As notícias, por vezes, são valorizadas em si e por isso aparecem referenciadas por outras construções da mesma grade televisiva. A temática rural, no entanto, adquire uma valoração diferenciada que aproxima a informação segmentada às necessidades do "nós".

O Felício sempre liga, porque tem muita coisa boa que passa....um programa de informação, se a gente tem tempo de olhar.... e cada domingo tem uns setores, de plantas,de colheitas, de soja, como se planta o milho...até o queijo ensinam como apertar. (Olívia)

O programa, na maioria das vezes, insere-se na ambiência familiar onde os rituais culturais do como fazer são reconhecidos, de modo que são as configurações de um diálogo com atores de rotina (os especialistas, os agricultores – em menor espaço as agricultoras – e os jornalistas) que podem ser compreendidos como operadores de reconhecimento e da legitimação da notícia em forma de receita, seja ela tratando uma bananada caseira ou de terapias alternativas para o gado leiteiro. Muitas vezes, coloca-se em dúvida

cenários redundantes em que especialistas do midiático rural são até tensionados pelo que dizem, mas não pelo que gestualizam, revelando que a tecnoesfera opera como estética do agradável²¹, produzindo a magia do aprender: "Sempre se aprende alguma coisa...vendo e olhando... e explicando...sempre tira alguma coisa de bom...aplicar fazer....e às vezes não precisa nem anotar". (Núbia)

A experiência pedagógica vivenciada pelas mulheres, entretanto, também deixa marcas numa fala que procura suavizar relações hierárquicas através de expectativas de alterações entre os saberes constituídos.

A gente teve pouco técnico e sobreviveu...mas com um técnico poderia melhorar...porque ele sempre tem coisas novas para discutir...os técnicos estudam...eles sabem junto...a gente sabe junto...eu sei das condições da minha terra...eles sabem, mas tudo, tudo, não. (Lurdinha)

Na interação com o tema do planejamento conjugado com cenários de informatização, produção orgânica e participação da mulher nos destinos da produção, as expectativas do lugar e o lugar da camponesa são configuradas numa fala marcada por dificuldades concretas de uma condição de classe e pela imprevisibilidade. As verbalizações e as imagens da transformação fabricadas pelo rural televisivo noticioso são desviadas pelos sentidos de uma prática em que conhecer é, até muitas vezes, saber como "fazer", embora desconfigurado da realidade do local.

Produtos orgânicos e feiras...nos encontros é o que se fala...não é novidade...para unir as pessoas...mas tem que se dedicar e ter terra favorável.. psicologia...todas as pessoas precisam da psicologia para entender a outra pessoa...o computador tá tirando emprego das pessoas, é um meio mais fácil de fazer o trabalho, mas tirou muito emprego. (Nélia)

Nós desde que acampados que decidimos que o dia que tinha o pedaço da terra nós só ia lidar com vaca de leite e as coisas de comer. Isso já foi planejado...é um planejamento...só que no começo não tinha...hoje com muito custo...a vida que a gente leva é da classe média baixa...a gente procura melhorar para ver se consegue alcançar uma coisa a mais, melhorar ao redor...a gente não tem estrutura antiga...tem os filhos estudando, a filha que vai casar. (Núbia)

Hoje se torna novo, de novo...antigamente era orgânico depois passou tudo para o químico...interessante porque as pessoas estão começando a se alertar...não só uma horta...uma coisa a nível de Brasil seria um pouco novo...o fato de homem ou mulher na agricultura é normal....ou gente que perdeu a vocação e está voltando lá vai se sentir mais feliz...uma experiência muito pequena...meu avô, meu pai na enxada e outros vem para a agricultura para ganhar dinheiro...e quando começa a decair ele vai embora para a cidade, tem uma profissão...é uma agricultora diferente da gente. (Lurdinha)

Os sentidos dos aprenderes também permeiam as interações com o quadro de cartas do programa, em que os pedidos de explicações ou o relato de alguma curiosidade por parte de telespectadores é percebido, em alguns casos, pela necessidade ou para socializar algum conhecimento com os outros. Isso se explica em parte pelas experiências dos espaços coletivos construídos pelas mulheres ou também vivenciados por elas, e também por trajetórias individuais marcadas pela experiência de interação com programas radiofônicos na juventude. Na relação com as construções interativas do programa também se desencadeia a compreensão de si e do outro a partir daquilo que se constitui em memória e em expectativa de vida:

²¹ Muniz Sodré, *O ethos midiático* (2002).

Lá na rádio Sarandi, escrevi uma carta pedindo para tocar duas músicas, uma era do Wanderlei Cardoso e outra do Frank Sinatra...judiavam de mim depois... escrever já era um prazer. (Lurdinha)

Os sentidos dos aprenderes podem ainda ser compreendidos por visões diferenciadas de necessidade, pois se uma receita culinária é entendida pela vontade de dividir com os outros, ou de "aprender uma coisa diferente" (Nélia), nem que seja uma receita de bananada caseira, as representações tradicionais dos lugares da mulher são postos em crítica numa fala marcada pela mestiçagem de novos e velhos saberes.

Mais importante de uma mulher aprender uma receita é aprender que ela tem valor...se conhecer ela própria...às vezes nem se conhece a si mesma...as receitas culinárias da mulher lá na cozinha, no fogão...isso é importante...mas a cuca não é o principal. (Lurdinha)

Nas relações simbólicas que as telespectadoras estabelecem com o programa, especificamente nas suas construções instrucionais, desvelam-se, assim, traços identitários que configuram públicos diferenciados, gerados pelos lugares e nos lugares ocupados e vivenciados pelas mulheres como espaços/territórios de aprendizagem. Dessa forma, os acessos e cenários da recepção se assemelham, porém nas suas interações singulares com o programa se processam rotinas e leituras diferenciadas, na medida em que casa e roça guarda sentidos marcados por matrizes culturais como o trabalho, a religiosidade e a maternidade, porém mesclados a novas configurações surgidas nas trilhas da cidadania, no que se considera, entre outros aspectos, a inclusão das trabalhadoras rurais e a luta pela terra.

Referências

- BIANCHI, Graziela. Rural Vivido e Rural Miatizado – relações simbólicas e sentidos produzidos a partir da escuta dos programas radiofônicos Hora do Chimarrão e Brasil de Norte a Sul por ouvintes das comunidades rurais Linha Batistela, Povoado Coan e Linha Bigolin. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, Unisinos, 2003.
- BORELLI, Sílvia H. S., LOPES, Maria I. V. L. et al. Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.
- BOSI, Ecléa. Cultura de massas e cultura popular. Leituras de operárias. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (org.) – Metodologia das ciências humanas. Hucitec, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática, In: ORTIZ, Renato, Ática, 1983.
- CAPARELLI, Sérgio. Televisão e Capitalismo no Brasil. L&PM, 1982.
- CERTEAU, Michel de. Fazer com: usos e tática, In: A Invenção do Cotidiano. 6ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. As relações de gênero nos estudos de recepção: notas sobre metodologias de pesquisa e suas repercussões teóricas. In BARBALHO, Alexandre e PAIVA, Raquel (orgs) – Comunicação e cultura das minorias. Paulus, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra, 1987.

GARCIA-CANCLINI, Nestor. *Culturas Híbridas*. São Paulo, 2ª ed., Edusp, 1998.

KOFES, Suely & PISCITELLI, Adriana. Memória de "histórias femininas", memórias e experiências. *Cadernos Pagu* nº 8/9, p. 343-354, 1997. Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, São Paulo.

MALDONADO, Alberto Efendy. Explorar a recepção sem dogmas, em multiperspectiva e com sistematicidade. In: *Coletânea Mídias e Recepção*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. 2ª ed., Editora UFRJ, 2003.

MATA, María C. De la cultura massiva a la cultura mediática. In: *Diálogos de la Comunicación*. Lima nº 50, 1999.

_____. Interrogaciones sobre el publico. In: *Comunicación, campo y objeto de estudio. Perspectivas reflexivas latinoamericanas*, p.183-199, México, 2001.

MATTELART, Armand. *Comunicação Mundo – história das idéias e das estratégias*. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1996.

NASCIMENTO, Marta R. *Globo Rural e cotidiano em Sapucaia: estudo de recepção do programa Globo Rural pelos pequenos produtores rurais de Sapucaia, Pernambuco*. Dissertação de Mestrado. Recife, UFRPE, 1999.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. 5ª ed., Brasiliense, 1994.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço técnica e tempo razão e emoção*. Hucitec, 1997.

SCHAAF, Alie Van Der. *Jeito de mulher rural: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul*. Editora UPF, Passo Fundo, 2001.

SILVA, Denise T. *Mulher e publicidade – estudo da produção e da recepção da identidade da mulher-mãe na mídia televisiva*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, Unisinos, 2002.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. *O ethos midiaticizado* In: *Antropológica do Espelho*. Vozes, 2002.

THAYER, Millie. *Feminismo transnacional: re-lendo Joan Scott no sertão*. *Revista de Estudos Feministas*, vol. 9, 1º semestre, Florianópolis: CFCH-CCE/UFSC, 2001.

VERÓN, Eliseo. *Semiose do Ideológico e do Poder. La mediatización*. 2ª ed. Buenos Aires: Oficina e publicaciones del CBC-UBA, 1997.